

## RESENHA

CARBONARI, P; COSTA, J. MACHADO, L. (Orgs.). **Filosofia e libertação: homenagem aos 80 anos de Enrique Dussel**. Passo Fundo: IFIBE, 2015 (Coleção Temáticas filosóficas; v. 8), 367p.

Wécio Pinheiro Araújo<sup>(\*)</sup>

recebido: 12/2016  
aprovado: 12/2016

O livro em tela é resultado da reunião síncrona de pesquisadores e militantes em torno de um esforço intelectual para homenagear o professor Enrique Dussel de maneira muito certa: pensando; não de maneira endógena sobre “a filosofia dusseliana”, como se fosse um círculo hermético em seus conceitos e esquemas teóricos; mas, ao contrário, por meio do sentido que o próprio Dussel construiu a duras penas em sua obra: a crítica ética à realidade efetiva do Outro no processo histórico no ocidente que deu origem à própria história do mundo ocidental, que ele desvendou como razão colonizadora; e como filosofia eurocêntrica, pela demonstração, também histórica, daquilo que passava encoberto, sufocado, por não ser europeu.

O conjunto de artigos reunidos neste livro compõe uma memorável celebração, não apenas teórica em sentido formal e *strictu sensu*, mas também como um convite à mergulhar no universo da obra de um pensador que ousa questionar o secular *status quo* da filosofia ocidental na defesa pelo reconhecimento de um pensamento que dê voz ao povo latino-americano. Isso não apenas entre os círculos acadêmicos, mas junto à história desses indivíduos concretos em suas relações sociais, na qual se entrelaçam uma dupla arqueologia – como o próprio Dussel faz uso do termo para aludir à sua obra nos seus comentários aos *Grundrisse* de Marx: uma arqueologia do pensamento filosófico ocidental, dos gregos a Heidegger; passando por Marx até Lévinas – em defesa da liberdade sob o crivo de uma ética da alteridade; e outra arqueologia, de ligação ineliminável com a anterior, essa do próprio registro histórico, que ele passa em revista crítica a partir de suas fontes, como destacam Jandir Zanotelli e José André da Costa já na abertura deste livro. A essência concreta e dinâmica do pensamento dusseliano é honrada por estes pesquisadores quando nos apresentam uma obra que corrobora seu grande compromisso ético-político: a possibilidade de pensar o Outro, latino-americano e encoberto na positividade ontológica e solipsista do Eu europeu; ao mesmo tempo em que revela um Eu latino-americano, próprio, mas sem também estar desligado da sua alteridade histórico-negativa encontrada no Outro, invasor e colonizador, vindo da Europa. Na sua trajetória intelectual, Dussel realiza uma

---

<sup>(\*)</sup> Professor Adjunto I do Departamento de Serviço Social da UFPB. Doutorando no Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia. Membro do Grupo Eule de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Crítica Social (UFPB/CNPq).

verdadeira práxis investigativa quando mergulha na história deste Eu-Outro ocidental diverso e alternante, na teoria e na prática, ou seja, pelo estudo que se mistura com expedições, de Nazaré à Paris; e pela construção de uma obra que não se reduz à pura reflexão, mas que anuncia uma tarefa política que adquire progressiva clareza teórico-prática ao longo do seu evoluir.

É saborosa – se me permite adjetivar – a forma como o livro se abre diante do leitor ao trazer de entrada uma belíssima “crônica filosófica” da cultura africana ressignificada e recriada no Brasil, que introduz uma proposta de se pensar a singularidade do corpo a partir da diversidade encontrada em nossas cosmovisões ancestrais, como aponta o autor na comunhão africana e na tolerância indígena. Neste primeiro ensaio, o livro já dá o seu tom, ao superar o tédio academicista com a ginga da capoeira que parece ser estender do conteúdo à forma do artigo que transita da estética à política propondo, em forte sintonia com Dussel – que é referência teórica da argumentação e personagem real da crônica –, a relação com o Outro como dança, diálogo e jogo com, e não contra; tudo isso sob o que Eduardo Oliveira sinaliza ao identificar – num profícuo arremate entre cultura, filosofia e política – essa mandiga afrodescendente como ânsia de liberdade, “balançando os conceitos da mesma maneira que se balança o corpo na ginga da capoeira” (p. 29).

Devo dizer que quebrei a ordem sumariar, tendo sido minha leitura guiada pela relevância dos temas de acordo com o meu olhar para a obra de Dussel, ao que este livro não oferece dificuldades – e pelos seus limites óbvios, esta resenha também não tem a pretensão de comentar todos os trabalhos organizados nesta coletânea. Ou seja: ofereço uma prévia do livro, transitando ao longo dos artigos guiado pelos temas que me parecem moldar uma coleção que resgata de forma autêntica, o sentido filosófico teórico-prático do espírito dusseliano, isto é, jamais fechado em si mesmo, mas sempre em diálogo com as ideias outras, seja por convergências ou divergências; e sempre munindo-se da crítica sob a presença constante da autocrítica.

Vejamos: chamou-me atenção a acurada e muito apropriada reflexão de como a conquista de um *corpus* filosófico próprio da filosofia dusseliana não seria possível sem a apropriação da cara noção de exterioridade por este pensador. Daniel Pensarelli resgata as protoformas do pensamento dusseliano ao iniciar sua abordagem em *A exterioridade como método filosófico*, pela leitura dusseliana de Hegel, até alcançar sua fase heideggeriana, explorando um movimento captado nas profundezas da constituição teórico-metodológica de Dussel: a leitura de Heidegger, por um lado, como superação de Hegel, isto é, como arma para a crítica deste último em seu itinerário intelectual; e por outro, como expressão da autocrítica ao reconhecer a insuficiência heideggeriana em reconhecer a alteridade. Numa palavra, para a leitura dusseliana de Pensarelli, se em Hegel a exterioridade está ausente; em Heidegger ela está alienada. O arremate com Lévinas é apenas sinalizado, e

apesar de nos deixar com sede de seu fechamento, não debela esta contribuição singular que promete outros biscoitos finos. Já sob outro viés, a exterioridade é também abordada pelos colegas Antonio Rufino Vieira e Arivaldo Sezyshta, tema que despertou o meu interesse particular pela obra de Dussel, influenciado por estes autores que trazem *A importância da exterioridade marxiana em Dussel*. Situam o conceito de exterioridade sob a influência da filosofia da práxis de Marx, seguindo rigorosamente o caminho dusseliano – leia-se: de Lévinas a Marx. Vieira e Sezyshta são precisos ao demonstrar a importância da possibilidade de um conceito de exterioridade em Marx – que iluminam com esmero transitando desde *A ideologia alemã*, passando pelos *Grundrisse*, até *O Capital* –, muito bem demonstrado a partir da noção de trabalho vivo em sua conflitante relação dialética estabelecida com a lógica social que leva ao trabalho objetivado como mais valor na sociedade capitalista, pelo que trazem à tona o fenômeno da exploração. Em suma, nossos autores irão demonstrar como Dussel, a partir do estudo econômico-filosófico realizado em Marx, consegue extrair elementos para compor o *imperativo político* da sua ética da libertação, fundamentando-o no ser humano explorado identificado em Marx como vítima, no que Vieira e Sezyshta justificam a relevância do pensamento marxiano para a Filosofia da Libertação. Prosseguindo nossa leitura, no ensaio *Filosofar a libertação desde a exterioridade e do oprimido*, Euclides André Mance parece nos oferecer um corolário das duas discussões anteriores, no qual ousa tencionar o que aponta como um dos problemas centrais à obra filosófica de Enrique Dussel: “a relação entre dialética e exterioridade” (p. 43). Para isso, recupera a “epopeia da exterioridade ante a totalidade no seio da dialética” (ibidem); da fenomenologia à *Dialética Analógica da Alteridade*, passando pelas fontes filosóficas de uma base comum de construtos metafísicos que, segundo Mance, confere a Dussel “uma coerência ao conjunto de suas reflexões em distintos campos epistêmicos” (p. 41). Neste horizonte, Mance irá justamente situar a questão que julga nuclear na obra dusseliana: a libertação dos oprimidos. Assim, o artigo demonstra que será na exterioridade como dialética entre o trabalho vivo e o capital descoberta em Marx, que Dussel encontrará o opressor e o oprimido no seio de uma totalidade social marcada pela negatividade. Nesta, ambos aparecem subsumidos e compoem uma contradição historicamente realizada por meio da mútua dependência numa sociedade na qual a existência do primeiro requer a existência do segundo. A edificação deste marco teórico capaz de ir além do princípio metafísico da não-contradição, de acordo com Mance, garante à Dussel uma contribuição ímpar à filosofia universal que passa a estar comprometida com a libertação da vítima e do oprimido.

Em *O desafio da filosofia da libertação*, o professor Antônio Sidekum abre o questionamento direto sobre a possibilidade de uma práxis libertadora

diante, não só das questões acumuladas ao longo do histórico processo de colonização e opressão, mas, sobretudo a partir dos marcos civilizatórios advindos com a modernização industrial da América Latina a partir do século XX. Cecília Pires prossegue no esteio do marco civilizatório latino-americano buscando chaves de leitura para uma análise capaz de pensar a importância da ideia de libertação a partir de uma lógica própria em *Desafios do presente na perspectiva da filosofia da libertação*. Destarte, Hugo Allan Matos contribui em sincronia com o tom desta discussão no aprofundamento de uma noção conceitual da filosofia como “compromisso e práxis de libertação” (p. 183). Matos elabora fundamentos a partir do diálogo com elementos colhidos na obra de Leopoldo Zea em defesa de uma função prático-política da filosofia. De arremate, em *Os sujeitos da experiência e a práxis da libertação nos movimentos sociais...*, o leitor se depara com uma abertura fecunda na tentativa de Claudécir dos Santos em (re)pensar os sujeitos da experiência e a práxis da libertação nos movimentos sociais a partir de um ousado diálogo entre Enrique Dussel e Walter Benjamin; resgatando, deste último, o uso do conceito de experiência coletiva vis-à-vis as observações dusselianas sobre a práxis da libertação. Neste mesmo galho, e sob a provocação que denuncia o virulento massacre dos povos indígenas em pleno o século XXI, Oneide Perius em *Negatividade e exterioridade: teoria crítica e filosofia da libertação*, propõe refletir sobre resistência e dominação debruçando-se sobre pressupostos históricos concretos numa elaboração que discute categorias como negatividade e exterioridade em debate com o complexo arco teórico da Escola de Frankfurt, no qual elenca Adorno como principal ponto de contato com a teoria social crítica.

Deste cômodo até onde chegamos na arquitetura deste livro, me parece surgir uma porta para o destaque que é dado por Losandro Antonio Tedeschi às contribuições de Dussel para uma historiografia latino-americana armada de uma crítica à interpretação eurocêntrica da história responsável por estabelecer as bases da narrativa moderna, recuperando a proposta dusseliana de ler a nossa história como uma contra-narrativa a partir do “outro”.

O acerto de contas de Dussel entre o ser e sua alteridade na intenção de dar respostas a um ‘sistema-mundo’ produtor de vítimas é explorado por Paulo César Carbonari em *Vítima: sujeito ético da libertação...*; na perspectiva da ética dusseliana a vítima passa a ser reconhecida como sujeito ético, assim como destaca Carbonari, “seres humanos que não podem reproduzir ou desenvolver sua vida...” plenamente. O diálogo com comentadores renomados como Eduardo Mendieta marca a escrita de Carbonari, tanto neste artigo, como na apresentação com a qual adenda o livro.

Para além da compreensão da filosofia da libertação unicamente como uma ética da alteridade é a abordagem que Alejandro Rosillo Martínez oferece ao leitor a partir de uma proposta de fundamentação dos direitos humanos na

superação dos limites etnocêntricos e monoculturalistas em crítica às acepções positivistas. Seu norte aponta para uma filosofia da práxis encontrada em Dussel. É precisamente neste gancho que o livro permite-nos depreender o importante tema da interculturalidade. O cenário da realidade indígena no sul do país é o terreno no qual Magali Mendes de Menezes se questiona sobre a possibilidade da interculturalidade como práxis libertadora. Dialoga com referências de peso como Adolfo S. Vázquez e Rodolfo Kusch na elaboração dessa possibilidade a partir da ideia de cultura situada nos saberes e práticas da escola em relação com a vida para os indígenas; a presença de Lévinas denuncia sua proximidade com Dussel. Na sequência, César Augusto Costa e Carlos Frederico Loureiro mantêm o leitor no campo da educação ao apresentarem a proposta educativa de Paulo Freire sob a óptica dusseliana. Nesta leitura, o alinhavo da temática vem com Neusa Vaz e Silva, que traz uma aproximação sistemática da filosofia intercultural enquanto encontro entre culturas, no qual a cultura do outro é tomada como “um processo denso que deve nos levar a repensar a nossa própria cultura e a redescobrimo-nos” (p. 353); abordagem muito bem referenciada na obra de Raúl Fonet-Betancourt.

O ensino da filosofia e a formação do professor ganha uma proposta de reflexão a partir do artigo de Alécio Donizete e Rodrigo Marcos de Jesus, sob a perspectiva da filosofia da práxis e de conceitos como autonomia, alteridade e exterioridade.

Por fim, a inspiração dusseliana em Lévinas aparece sob o resgate da leitura crítica à ontologia e à totalidade no artigo de Sandro Cozza Sayão, que explora como Dussel aproxima o discurso levinasiano da realidade concreta da América Latina problematizada em suas grandes questões sociais, políticas e culturais; sem se furtar de enfrentar o lado mais espinhoso dessa aproximação: a crítica à arquitetura ontológica europeia, apontada por Dussel como insuficiente para compreender a realidade latino-americana, em face justamente de que, “na ontologia, na pergunta pelo ser das coisas, toda exterioridade é, no final das contas associada ao eu que lhe dirige a pergunta” (p. 81). Tudo isso sob a metáfora do Ouvir em contraponto ao paradigma do olhar, sob uma perspectiva crítica da totalidade.

Ademais, não poderia encerrar esta resenha sem passar por uma questão tão árida quanto fecunda, e ao qual esta coletânea não se furta: os encontros e desencontros entre a filosofia da linguagem e a filosofia da libertação. Dussel é posto em contato com autores como Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel; e o leitor é posto diante dos limites e possibilidades do pensamento dusseliano frente aquelas expressões mais atuais e influentes da tradição filosófica europeia; e mais: sob o viés de como Dussel apreende a ética do discurso e quais os efeitos de um diálogo do seu pensamento com a teoria da ação comunicativa nos campos da ética e de ação moral.

Em suma, uma leitura proveitosa para iniciantes e veteranos ao pensamento de Enrique Dussel com a qual nos presenteia o Instituto de Filosofia Berthier (IFIBE). Uma leitura para enriquecer nossa experiência e aguçar nossa criticidade a partir de uma nova filosofia no curso do evoluir histórico ocidental, voltada para o povo latino-americano. Uma filosofia política que traz a sua voz – do negro, do índio, do operário, etc. –, e que vislumbra sua libertação sob uma perspectiva de liberdade própria e sob uma práxis derivada de uma ética da alteridade e da interculturalidade.